



Revolução Francesa: Cinema e Historiografia.

French Revolution: Movies and Historiography.

Alfredo Oscar Salun¹

Resumo: O presente artigo pretende introduzir o leitor a uma discussão sobre os debates historiográficos em relação à Revolução Francesa, pontualmente entre marxistas e revisionistas, além de indicar como esse período revolucionário foi retratado pelo cinema.

Palavras-chave: Revolução Francesa, Cinema e Historiografia.

Abstract: his article aims to introduce the reader to the universe historiography get the French Revolution and mainly discussion between marxists and revisionists, and also indicate how the per payout revolucion river was portrayed in the movies.

Keywords: French Revolution, historiography and movies.

Considera-se como Revolução Francesa o conjunto de fatos ocorridos entre 1789 e 1799, que abrange da queda do absolutismo monárquico, passando pela adoção de uma constituição e da monarquia parlamentar, proclamação da República e a ascensão de Napoleão Bonaparte. Além desses aspectos políticos, ocorreram mudanças econômicas e sociais significativas, como o fim da divisão social por ordens e o desenvolvimento do capitalismo na França.

Para os historiadores marxistas franceses, como George Lefbvre e Albert Soboul, os princípios da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), espalharam-se pelo mundo e serviram de bandeira na luta contra o despotismo. A luta dos homens comuns por seus direitos políticos e igualdade jurídica, esta diretamente relacionada às mudanças econômicas ocorridas com o desenvolvimento das forças produtivas na Revolução Industrial, caracterizada pelo surgimento das fábricas modernas e o aumento do volume de produção de

¹ Alfredo Oscar Salun; Doutor em História Social pela USP, professor de História Contemporânea e História da Educação na Universidade do Grande ABC, pesquisador do NEHO (USP) e GERP (UniABC). Email: aosalun@uol.com.br.

manufaturas e mercadorias, permitindo que novos estratos sociais viessem disputar com a aristocracia o poder político.

Pensadores iluministas como Descartes, Locke, Voltaire, Diderot, D'Alembert, Montesquieu e Rousseau eram objetos de estudo e discussão entre muitos dos futuros líderes da Revolução Francesa, o qual era comum usarem os clubes e sociedades para se reunirem e debaterem temas políticos e filosóficos, dentre as diversas sociedades, merece destaque o papel desempenhado pela Maçonaria.

Na historiografia marxista, como Albert Mathiez, Albert Souboul, A. Z. Manfred, George Rude e George Lefebvre, o Iluminismo foi uma fonte de inspiração para os revolucionários, na medida em que defendia princípios básicos de justiça, igualdade social e cidadania, rejeitando os valores do Antigo Regime. A filosofia iluminista serviu de inspiração na luta contra o absolutismo na Inglaterra (Revolução Gloriosa), Estados Unidos (independência), França (Revolução Francesa) e mesmo no Brasil (Inconfidência Mineira e Baiana) assim, foi o fundamento intelectual colocado em prática pelos revolucionários.

Em ângulo divergente, Roger Chartier e Joëlle Chevé ligados à "história cultural", consideraram que foram os revolucionários que necessitando de um suporte teórico que fundamentasse e legitimasse suas ações, elegeram o Iluminismo. Dessa forma, ele não foi a origem intelectual dos revolucionários por si só, mas ao contrário, foram os revolucionários que colocaram esse pensamento anti-feudal, como um arcabouço intelectual, com o objetivo de legitimar suas ações políticas.

Já para William Doyle (1990), o termo Antigo Regime foi uma criação da Revolução Francesa, já que os Revolucionários de 1789 acreditavam estar destruindo e substituindo por um novo regime, baseado em uma série de idéias iluministas em relação à igualdade jurídica, liberdade econômica e a elaboração de uma constituição. Para ele, não significa que as pessoas da época anterior imaginassem estarem vivendo no Antigo Regime e é provável que a primeira vez

que se utilizou essa expressão foi em 1788, portanto não havia uma objetividade histórica na sua cunhagem.

Dessa forma, a conceituação do Antigo Sistema durante o governo de Luiz XVI não é unânime. O historiador cultural Simon Schama e os revisionistas François Furet e Mona Ozouf, discordam da idéia de que o “Antigo Regime” na França possa ser encarado como absolutista, principalmente nessa época, já que havia uma série de instituições que limitavam a ação real.

O historiador Pierre Gaxotte corroborou com essa visão em suas obras, já que para ele, a monarquia francesa desde Luiz XIV estava envolvida com a média e alta burguesia e a “lettres de cachet” (ordens reais lacradas) em que o monarca podia mandar deter qualquer indivíduo sem julgamento e empregadas pelos revolucionários como prova de arbitrariedade, eram na realidade usadas em muitas ocasiões, por solicitação das famílias para punir os membros mais rebeldes.

Essa concepção se choca com a tradição histórica de esquerda, que consideram a sociedade européia do século XIX um fruto da “Era das Luzes”, portanto o que a antecedeu, era um regime arcaico que mantinha a idéia de desigualdade política entre os homens, como uma manifestação da vontade divina. Para eles, o Antigo Regime estava caracterizado politicamente pela centralização do poder nas mãos do rei, que devia satisfação de seus atos somente a Deus e o monarca podia utilizá-lo arbitrariamente, pois não havia quem fiscalizasse seus atos, portanto os indivíduos e seus bens ficavam à mercê da vontade do mandatário. Essa situação contradizia os interesses econômicos da ascendente burguesia, que entrou em conflito contra os aristocratas e a monarquia para obter o poder político. Aproveitando-se do contexto de miséria em que se encontravam as classes populares, elas foram usadas na luta contra o absolutismo e depois descartadas pela burguesia.

Em relação ao Antigo Regime e o absolutismo monárquico que teria atingido seu apogeu na época de Luis XIV, dentre as produções mais recentes, temos o filme “O homem da máscara de ferro” de Randall Wallace (Reino Unido, 1998),

baseado nas obras “Os três mosqueteiros” e o “O homem da máscara de ferro” ambas do escritor Alexandre Dumas, os dois romances se misturam em uma trama sobre “um irmão gêmeo do rei”, que é mantido prisioneiro, com uma máscara para ninguém saber sua verdadeira identidade. Ele é libertado pela ação dos três mosqueteiros que se colocam contra a tirania do monarca, defendido pelo mosqueteiro D’Artgan. O filme possui várias cenas em que o rei se aproveita do seu enorme poder para perseguir os súditos e satisfazer seus caprichos. Existe uma versão anterior, dirigida por Michael Newell (EUA, 1977).

A sociedade francesa no Antigo Regime estava dividida em Estados (também denominado de Estamentos ou Ordens), onde a mobilidade social era quase nula e obedecia a representação das três ordens nas assembleias provinciais ou nacionais (Estados Gerais).

O **Primeiro Estado** era formado pelo clero, os indivíduos provenientes dos grupos mais abastados e que monopolizavam os cargos mais importantes foram chamados de alto clero. O denominado baixo clero, eram os religiosos dos estratos sociais mais pobres, que geralmente tinham um padrão de vida pouco melhor do que os camponeses.

O **Segundo Estado** era a nobreza e não formavam uma camada homogênea, possuíam interesses muitas vezes divergentes e padrão de vida diferenciado. Em Versalhes estava à nobreza palaciana que devido sua ligação e laços de família e amizade, recebiam pensões do governo, cargos administrativos e postos militares.

No campo habitavam os nobres provinciais que viviam dos rendimentos de suas terras e privilégios feudais. A nobreza de toga era os burgueses que ganharam ou compraram títulos nobiliárquicos, mas que raramente eram transmissíveis, dessa forma não faziam parte da nobreza de sangue. Em função dos títulos e terras serem transmitidos aos primogênitos, havia milhares de nobres, que ostentavam apenas o status de pertencer ao grupo privilegiado, já que sua situação econômica não condizia com tal realidade. Os membros da pequena

nobreza, muitas vezes procuravam a carreira militar para conseguir promoção social, como foi o caso do escritor Chordelos de Laclos e Napoleão Bonaparte.

O livro **Ligações perigosas** de Chordelos de Laclos serviu de base para dois filmes que propuseram apresentar a vida cotidiana dos aristocratas franceses à véspera da Revolução. “Valmont-uma história de seduções”, dirigido por Milos Forman (EUA\França, 1989) e “Ligações Perigosas” de Stephen Frears (EUA\Inglaterra, 1988), com uma trama baseada na correspondência entre os membros da aristocracia, onde o desejo, ócio, romance, infidelidade e intrigas são os pontos centrais, principalmente os casos amorosos do marques de Valmont e da marquesa de Merteuil. A vida desses aristocratas proprietários é contrastada com os serviçais, figuras “invisíveis” e com os burgueses, estes últimos ávido apenas pelo dinheiro e que não gozam a vida, assim usualmente são traídos pelas esposas. Confrontam-se os valores aristocráticos e os valores burgueses.

O **Terceiro Estado** era formado pelo restante da sociedade. No seu topo estavam os grandes banqueiros, que financiavam as necessidades reais, abasteciam o exército e possuíam uma série de vantagens nas relações contratuais. Havia também os grandes comerciantes, que mantinham negócios ligados às colônias.

Em seguida vinham os donos de indústrias artesanais, médios e pequenos comerciantes (boticários, logistas, pequenos mestres artesãos, livreiros, sapateiros, peruqueiros) e os profissionais liberais (médicos, jornalistas, advogados, professores e cientistas). Abaixo os artesãos, operários e trabalhadores urbanos que dependiam da venda da mão de obra para sobreviver, executando serviços auxiliares nas sapatarias e lojas, que enfrentavam os rigores da vida, com baixos salários e um custo de vida muito alto. Mas havia ainda, uma camada urbana formada pela parte mais miserável da população, que dependia de pequenos serviços ocasionais.

Entretanto a maior parte da população residia no campo, os mais afortunados eram os arrendatários e lavradores (médios proprietários em um padrão camponês), abaixo ficavam os parceiros e pequenos proprietários e por

ultimo, a maioria formada por camponeses que cumpriam as obrigações feudais. Os escravos (principalmente nas colônias) estavam fora dessa divisão e era um grupo completamente excluído.

A massa urbana parisiense (denominada de *sans-culottes*) formou a base de sustentação dos comitês e dos exércitos revolucionários, não eram indigentes ou miseráveis, mas trabalhadores urbanos que se condoíam da situação de tais infelizes e esperavam conseguir com o processo revolucionário a implantação de um regime baseado na justiça social e no controle da economia. Em relação ao cotidiano do povo francês em Paris e seus arredores foi retratado no filme “o Perfume-história de um assassino” dirigido por Tom Tykwer (Alemanha, 2006), baseado no romance “o Perfume” de Patrick Suskind, que narra a historia de Grenouille, um perfuminista que pretende encontrar o aroma perfeito e assim comete uma série de assassinatos.

No tocante a literatura libertina, o filme “Contos proibidos de Marques de Sade” de Philip Kaufman (EUA, 2000), pretende discutir a censura e a liberdade de expressão, a partir do personagem Marques de Sade, que foi um escritor considerado pornográfico e por essa razão foi encarcerado algumas vezes durante o Antigo Regime. Seus escritos eróticos escandalizaram a sociedade francesa da época.

A REVOLUÇÃO

Luís XVI e Maria Antonieta governavam o país às vésperas da Revolução, período em que o tesouro nacional estava em situação precária, após muitas divergências entre os sucessivos ministros das finanças e conselheiros reais, chegou-se ao consenso que a situação poderia ser resolvida mediante uma “reforma fiscal”, que significava a cobrança de impostos de todos os “Estamentos” e o fim dos privilégios. Ele assumiu o trono ainda muito jovem e se até o início do processo revolucionário, contava com a simpatia do povo, isto não foi suficiente para evitar que após sua malograda fuga, tenha sido deposto e guilhotinado em 21 de janeiro de 1793.

Maria Antonieta teve o mesmo destino em 16 de outubro de 1793, passando para história como uma mulher com gosto pelo poder, que exerceu uma determinada influência dentro do palácio.

A solução encontrada para tentar sanear o problema econômico, passava pela reforma fiscal. Em 1787 o assunto foi encaminhado para a Assembléia dos Notáveis e o Parlamento de Paris, que negaram o pedido, assim, era necessário reunir uma assembléia denominada de “**Estados Gerais**”, que era uma instituição apenas consultiva e não dispunha de poder para criar leis, somente aprovar ou rejeitar a proposta real.

Durante o processo eleitoral, elementos do Terceiro Estado apelavam para a alteração do sistema vigente, esse impasse foi resolvido pelo Parlamento parisiense e a Assembléia dos Notáveis que defenderam a manutenção da forma tradicional de eleição e votação, mas aceitaram o aumento de número de deputados exigidos pelo Terceiro Estado.

Concomitante as eleições, ocorreu um aumento no preço dos alimentos em virtude das péssimas colheitas, fato que provocou uma enorme insatisfação nas camadas mais pobres da população urbana e nos camponeses, estes principalmente contra os senhores de terra.

Os deputados das três ordens se encontraram em Versalhes em 05 de maio de 1789 para a abertura da Assembléia que foi presidida pelo rei, mas uma série de desacordos entre os representantes do Terceiro Estado com os deputados do clero e nobreza, impediu o andamento dos trabalhos. Após conseguir o apoio dos representantes dos grupos privilegiados solidários as mudanças políticas, os deputados do Terceiro Estado se reuniram em um salão de jogos e resolveram redigirem uma constituição, fato que extrapolava a autoridade dos Estados Gerais.

O edifício em que se realizava a assembléia foi cercado pelos soldados e coube ao deputado visconde de Mirabeau, apoiado por outros aristocratas liberais como o marques de La Fayette, anunciar: “estamos aqui pela vontade do povo e somente as baionetas é que poderão nos expulsar”.

Luis XVI enviou novas tropas para Paris e Versalhes, os deputados sediciosos entenderam como uma ameaça e apelaram para o apoio da população que protestou contra o governo, assim, se iniciava o processo revolucionário, com a rebelião popular em Paris e a tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789.

O cinema legou algumas películas referentes a essa data histórica; “A Marselhesa: uma crônica da Revolução Francesa” (França, 1937), dirigido por Jean Renoir, que se propôs a recontar os momentos decisivos da queda da Bastilha até a deposição do rei Luis XVI. A partir de uma pesquisa histórica, aborda também a criação do hino “A Marselhesa” e sua divulgação na época revolucionária.

Em **A Queda da Bastilha** de Jack Conway (Estados Unidos, 1935), o autor mediante os personagens Sydney Carton e Charles Danay, analisa o período revolucionário e o terror, a partir de um romance entre o aristocrata Danay e a jovem Lucie Manette.

O filme **1789** (França, 1974), baseada em peça homônima foi levado ao cinema por Ariane Mnouchkine, onde emerge uma discussão sobre a Revolução Francesa e os diferentes grupos sociais, apresentando o cotidiano das camadas empobrecidas. Dentre a originalidade deste filme, esta a manutenção da linguagem teatral.

A tradição marxista se solidarizou com os deputados ligados ao Terceiro Estado, que eram em sua opinião, sensíveis aos anseios populares, principalmente os Jacobinos e os Cordeleiros, que formaram um agrupamento denominado de Montanha durante o período da Convenção, como Jean Paul Marat, Maximilien Robespierre, Georges Danton e Jacques Hebert.

Essas lideranças foram elevadas á categoria de defensores das classes oprimidas, por isso, durante o curto período em que ficaram no poder, são celebrados pelas medidas progressistas, como tabelamento dos preços, libertação dos escravos, voto universal masculino e a educação laica universal. A repressão contra os inimigos da “Revolução”, fossem girondinos, aristocratas ou clérigos refratários, é entendida como uma medida enérgica, mas necessária naquele

momento, para restabelecer a ordem interna e a união do povo francês contra as potências invasoras. Usualmente consideram a queda de Robespierre, como um golpe que fez retroceder as conquistas e avanços sociais colocados em prática pelos jacobinos.

A tradição de esquerda, também se subdividiu na ação destes líderes, Robert Darton (1990) explica que socialistas e comunistas franceses debateram suas preferências entre George Danton (pelos socialistas) e Maximilien Robespierre (pelos comunistas), ainda que a simpatia de vários pensadores libertários recaia sobre outro personagem: Graco Babeuf.

No filme “Danton e o Processo da Revolução” (França/Polônia, 1982) de Andrzej Wajda, que levou as telas do cinema a Revolução Francesa vista através do conflito entre dois de seus maiores expoentes, Danton e Robespierre, que acabou alimentando o debate político entre socialistas e comunistas franceses, na época do seu lançamento. Apesar de ser um dos filmes mais marcantes sobre a Revolução Francesa, o diretor de origem polonesa, estava preocupado com a própria história recente do seu país, que envolvia o conflito entre o governo comunista e o sindicato solidariedade.

A obra está centralizada na volta de Danton a Paris durante o período do terror em 1794 e o enfrentamento a Robespierre, para que desse um fim a essa prática. Este pressionado pelos companheiros jacobinos, acaba por concordar que seu ex-aliado é um personagem perigoso e o submete ao Tribunal Revolucionário.

Para os historiadores revisionistas, estes homens são denominados de um modo geral como “demagogos”, ou seja, intelectuais de classe média que embriagaram os populares com seus discursos e que ao chegar ao poder, mantiveram-se somente graças ao “terror”. Preferem encontrar em outros personagens, o protótipo de políticos que pretendiam mudanças graduais, dessa forma, aristocratas liberais e burgueses são os componentes preferidos por estes intelectuais, como o Visconde de Mirabeau, Nicolas Condorcet, Gilbert de La Fayette, Louis de La Rochefoucauld, o banqueiro Jacques Necker ou figuras contraditórias como Charles Talleyrand-Périgord e o Duque de Orleans.

A mesma divisão de opiniões se aplica ao rei Luis XVI e a Rainha Maria Antonieta, já que na visão crítica ao monarca, criou-se a figura de um rei moralmente fraco, dominado pelos aristocratas e pela rainha. Maria Antonieta é apresentada como uma mulher devassa, que ficou conhecida pela frase: “não tem pão, comam brioques”, em resposta aos parisienses que faziam manifestação pela falta de alimentos.

O filme **A Inglesa e o Duque** de Eric Rohmer (França, 2001) foi baseado no diário da aristocrata inglesa Grace Elliot, que esteve em Paris durante a Revolução. Ela manteve um romance com um dos personagens mais contraditórios da revolução, o Duque de Orleans, primo do rei Luis XVI. Elliot era uma ardorosa defensora da monarquia. O romance é conturbado devido aos acontecimentos que culminam com a condenação a morte do monarca, logo os amantes serão também acusados de traição.

A incipiente participação feminina no mundo da política e as relações por conveniência em uma sociedade fortemente machista podem ser observadas no filme “A Duquesa” dirigido por Saul Dibb. Ele se ateu ao cotidiano de uma mulher pertencente à alta aristocracia inglesa e que transitava na fina sociedade, discutia sobre a situação partidária, onde encontramos alguns ecos da Revolução em França.

Outras figuras femininas marcantes foram Olympe de Gouge (1748-1793) atriz e cortesã, dotada de grande beleza. Ela participou na luta pela causa feminina, escreveu peças e panfletos em que questionava os benefícios recebidos pela Revolução. Por se aproximar dos girondinos e ser contrária á execução do rei, foi presa e guilhotinada em 03 de novembro de 1793. O mesmo destino teve Lucile Desmoulins, que participou ativamente do grupo de Danton e Charlotte Corday, a assassina de Marat, além é claro, da passagem conhecida como “a marcha das mulheres”.

Sobre o comportamento da rainha, o filme “Maria Antonieta” de Sofia Coppola (EUA, 2006), centrou-se na vida do casal, antes da Revolução. Eles são apresentados como um casal jovem e ingênuo, que não estavam preparados para

assumirem a posição de monarcas da França. Para construção desses personagens, a diretora se baseou na pesquisadora Antonia Fraser e contou com as orientações de Evelyne Lever, que em seus escritos reabilitaram a rainha francesa, frente acusações que macularam sua imagem, inclusive negando que ela tenha dito a frase sobre os “brioches” que a celebrou negativamente na história. Outra película, mas com um enredo mais tradicional, “O Calvário de uma Rainha” (França, 1955) de Jean Dellanoy, é a biografia de Maria Antonieta desde a sua entrada em Versalhes até a execução.

A historiografia de um modo geral considera que a população acreditava no rei e que o rompimento entre eles, ocorreu somente após a malograda fuga de Paris em 21 de junho de 1791, quando a família real partiu em direção a Áustria, entretanto, foram reconhecidos e reconduzidos á capital, sob suspeita de traição. Isso selou o destino do monarca francês e acelerou as reformas revolucionárias que transformariam o regime.

Esse episódio foi retratado no filme “Casanova e a Revolução”, originalmente “La nuit de Varennes”, dirigido por Ettore Scola (França\Itália, 1982), que narra o encontro fictício entre o personagem Casanova, o escritor Restif de la Bretonne, o revolucionário Thomas Paine e a condessa Sofhie em uma viagem de carruagem durante o período Revolucionário, depois da queda da Bastilha. Eles presenciam a prisão do rei Luis XVI e sua família, reconhecidos em um hotel de estrada.

O filme aposta em um Casanova já envelhecido, quase que representativo do Antigo Regime, que participa como ouvinte das discussões políticas, éticas e morais que surge entre os personagens.

Bibliografia:

CAVALCANTI, Berenice. **Revolução Francesa e modernismo**. S.P. Editora Contexto, 1994.

CHARTIER, Roger. **As origens culturais da Revolução Francesa**. S.P. Unesp, 2004.

- DARTON, Robert. **O beijo de Laumorette**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- DOYLE, William. **O Antigo Regime**. São Paulo. Àtica, 1991.
- FURET, François e OZOUF, Mona. **Dicionário crítico da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1989.
- FURET, François. **Pensando a Revolução Francesa**. R.J. Paz e Terra, 1989.
- GAXOTTE, Pierre. **A Revolução Francesa**. Porto. Tavares Martins, 1947.
- HOBBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOBBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. R.J. Paz e Terra, 1990.
- KRANTZ, Frederick(org). **A outra história**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1988.
- LEFEBVRE, Georges. **A Revolução Francesa**. São Paulo. Ibrasa, 1966
- MANFRED, A.Z. **A Grande Revolução Francesa**. R. J.: Editora Vitória, 1963.
- MAYER, Arno J. **A Força da Tradição**. São Paulo. Cia das Letras, 1990.
- MOTA, Carlo Guilherme. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ática, 2005.
- SCHAMA, Simon. **Cidadãos**. São Paulo. Cia das Letras, 1990.
- SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- VOVELLE, Michel. **França Revolucionária: 1789/1799**. São Paulo: Brasiliense/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989.